

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Commercio (R.J.) Class.: Amaz. / Políticas de Des.
 Data: 23 de Novembro de 1993 Pg.: Regional 54

Um pouco de Amazônia e ecologia-I

190 SÍLVIO MEIRA
 PROF. DIREITO, HISTORIADOR E ESCRITOR

Palavras pronunciadas durante debate no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sobre a Amazônia e ecologia, a propósito da preservação do meio ambiente, um tema de interesse mundial:

"Cabe-nos dizer algo sobre a Amazônia, a terra onde vemos a felicidade de nascer e viver. Já houve quem dissesse que "terra que se conhece é terra que se ama". Para dissertar sobre as suas grandezas e deficiências é condição sine qua non conhecê-la bem. Os que a perlostraram rapidamente não ficaram com uma impressão global de seus problemas. Os que nunca a visitaram e se atrevem a emitir opiniões, quase sempre erram. Há desde logo um princípio a observar: a Amazônia não é uniforme, não é só floresta, não é toda verde. Alberto Rangel criou a expressão muito divulgada — Inferno Verde — e todos a repetem sempre. A Amazônia não é inferno, é antes um paraíso, vislumbrado por Euclides da Cunha. Ninguém nega o valor das contribuições culturais de homens como Rangel e Euclides. Rangel teve vivência amazônica quando trabalhou em Manaus, dirigiu o serviço de Terras e Colonização, foi secretário de Estado e jornalista eminente. Em 1908 elaborou o seu Inferno Verde — Cenas e Cenários do Amazonas. Mas sua visão, em nosso entender, é mais da Amazônia Ocidental, que, sob muitos aspectos, é diferente das "outras" Amazônias, especialmente da Oriental. Euclides, no seu "A Margem da História", às páginas 13, tece comentários em torno do grande volume de massa liquefeita que o grande rio despeja no oceano, capaz, por sua violência, de provocar fenômenos extraordinários na foz, enquanto que a corrente do Gulf Stream arrasta para o norte, em direção do Golfo do México, toda aquela carga excrementária arrancada do solo amazônico. A costa do Amapá e das Guianas, especialmente a francesa, não apresentam o aspecto das alvacentas praias do litoral paraense, a leste, aonde não chegam as forças das águas amazônicas, provindas da embocadura.

É preciso distribuir em várias "Amazônias" o estudo dessa tão importante matéria: Há regiões em que a floresta é densa, quase impenetrável, o que caracterizaria o Inferno de Rangel; n'outras, não há florestas, como o trecho no setentrão paraense, abaixo das serras de Tumucumaque e Aca-raí, num plateau vasto que se estende até as nascentes dos rios Paru, Jari e Maicuru. Aí se vê um anfiteatro sem florestas, de campo aberto, no qual se poderá instalar uma nova civilização. Os aviões descem em qualquer lugar, sem estorvo. Temos defendido a tese da localização, nessa área, das massas humanas dos sem-terra, que se acotovelam no sul do Pará, na encruilhada chamada "bico de papagaio", vindos do sul e nordeste, tentando obter um pedaço de chão para estabelecer-se.

Essa zona ficou segregada ao conhecimento dos homens em virtude de estar encravada, tendo ao sul as densas matas e as cachoeiras dos rios já referidos, que se projetam do norte para o sul e tendo a obstar a penetração, ao norte, as serras e o curso pedregoso do Oiapoque, sem fácil navegação.

O clima ali é excelente. As terras se prestam à criação de caprinos. Encontramos mais acima, em Tiriós, um pequeno

criatório de carneiros e ovelhas promovido por um missionário alemão, que já descobriu um dos segredos da área.

Por sua vez, em Roraima, se estende outro campo imenso sem matas, lembrando os pampas gaúchos. Em outros pontos da Amazônia se encontram campos semelhantes, quer isolados das matas, quer como acessórios delas, especialmente nas margens dos rios, como sucede no Baixo Amazonas. Todas essas porções sem vegetação densa, são apropriadas à pecuária. Quando era Diretor do Instituto Agrônômico do norte o técnico Felisberto Camargo, promoveu ele experiências com gado Nelore no Baixo Amazonas, especialmente nas margens do Tapajós, com êxito. Chegou a importar espécimes novos, da Índia, entre eles do gado "Red Shindi". A adaptação do búfalo a Marajó e Baixo Amazonas é outro exemplo da vocação parcial da Amazônia para a pecuária. Ficamos, por isso, surpresos, ao verificarmos que o Governo cria óbices à pecuária amazônica, em várias oportunidades. Ainda recentemente exportamos búfalos para o Peru. Toda a grita contra a pecuária, ao que nos parece, provém da derrubada de matas em outros setores, como se faz em Paragominas e no sul do Pará, na imensa área ocupada pela Volkswagen.

Cabe aqui uma pergunta: — Combate-se a Volkswagen por motivos "ecológicos" ou simplesmente por que é alemã? Se a empresa que realiza tal projeto fantástico no sul do Pará, fosse americana do norte, haveria a mesma grita organizada? Não foram os americanos que levaram todo o nosso mogno do sul paraense, devastando as florestas. Uma certa empresa, cuja organização jurídica desconhecemos, chamada "Rio Impex", segundo noticiaram os jornais, carregou todas as reservas daquela preciosa madeira regional. Não foram os americanos que retiraram do solo do Amapá cerca de trinta milhões de toneladas de manganês, que estão estocadas no exterior como "reserva estratégica", deixando apenas a cratera vazia?

Tudo isso repercute no clima, no meio ambiente, na "ecologia".

Os índios não estão extraindo e exportando madeira de lei, sob as vistas complacentes do governo? São eles intocáveis, por acaso? Essa depredação contraria a legislação brasileira, especialmente a Constituição, que assegura aos silvicultores apenas o usufruto das terras ocupadas, que são propriedade da União e não deles, índios. O usufruto não dá direito à destruição do bem usufruído. Na região leste do Pará, a chamada "Bragantina", há uma experiência válida. Na extensão que vai de Belém a Bragança, tendo a configurá-la ao norte o oceano e ao sul o rio Guamá, no início do século instalou-se uma colonização de nordestinos. Tentou-se também uma migração italiana, que fracassou.

Abriu-se e montou-se uma estrada de ferro de cerca de 300 quilômetros, que durante meio século serviu a todos, contribuindo para povoar e desenvolver tão vasta área, ligando a capital a Bragança.

A importância dessa ferrovia foi de tal ordem que a região bragantina é a de maior densidade demográfica do estado. Cabia ao governo estudar a possibilidade de ligá-la, em prolongamento, à Teresina, no Piauí, em vez de deixá-la isolada.

Tudo foi feito às avessas, conforme vamos demonstrar.